

MU LAM BÖ



Quero agradecer, antes de tudo,
à Helminha, minha mãe, Julio, meu
pai, Carlota e Helma, minhas avós
e à toda minha família pela força

À Isabella Cabeço e Carla Santana
por me fazer acreditar

À Ana Bia por ser minha estrutura e
estar do meu lado em todas essas
doideiras que eu vou contar aqui

E à Praia da Vila por ser meu chão.

Este é um relato sobre as experiências e doideiras das exposições 'Tudo nosso', 'Reservado para pixador amador' e 'Prato de pedreiro' realizadas em 2019.

É um panorama da minha produção e construção como artista que é fruto da minha volta para casa.

Ah!

E eu escrevi, diagramei e organizei isso aqui tudo sozinho, então me dá um desconto e lê com carinho...

tá...

pode só ver as fotos com carinho também.

**não tem museu no mundo
como a casa da nossa vó**

**MU
LAM
BÖ**

não tem museu no mundo como a casa da nossa vó

Esta frase saiu do coração do meu neto João Gabriel.

Foi surpreendente e emocionante pra mim vê-la escrita no chão do recinto da primeira exposição das obras desse nosso artista. Eu, como toda avó, sou coruja - corujíssima - diante da sensibilidade artística desse meu neto tão amado quanto os outros nove da minha coleção. Dentre todos, é dele a veia artística que o faz expressar com seus pincéis criativos todo seu sentimento buscando a valorização dos símbolos do existir perfeito através de uma arte com os pés no chão.

Não é orgulho o que sinto diante da criação artística desse meu menino porque esse sentimento não me agrada. O que sinto é uma grande admiração por alguém que é capaz de ligar o sentimento a ação através dessas obras que despertam e aguçam nosso inconsciente. De um modo simples e fácil nos ajudam a ligar corpo e alma. Não importa o material usado.

Há uma parte sua que sabe quem é. Por trás de todas as histórias que lhe contaram e das histórias colhidas no museu da vó, ele realmente acontece por meio da abertura de sua mente. O caminho são os seus sonhos que o ajudarão na capacidade de ser, de sentir, de saber e de criar na retratação dos momentos.

Há uma parte sua capaz de mudar e de crescer. Isso está impresso no plano de sua NATUREZA.

*Vovó.
Maria Carlota.*



NÃO TEM MUSEU NO MUNDO COMO A CASA DA NOSSA VÓ

CAMINHOS 13

15 *perigo correnteza*

21 *artista de instagram*

25 *referência*

29 *joão*

EXPOSIÇÕES 35

37 *doideira pura*

43 *tudo nosso*

73 *reservado para pixador amador*

118 *prato de pedreiro*

OS FINALMENTES 165

167 *é isso*

169 *detalhes*

212 *trabalhos*

Neste relato, vou falar da minha trajetória e sobre como minhas escolhas são reflexos do lugar de onde eu venho.

Nasci João em 1995 e cresci entre as cidades de Saquarema e São Gonçalo.

Assumi o nome Mulambö em 2016 e com ele uma série de decisões artísticas foram tomadas em busca de uma reconexão e um reencontro com as referências do existir suburbano no Estado do Rio de Janeiro.

Agora eu vou dar uma resumida nesse caminho até chegar nas três exposições individuais realizadas em 2019 que vão ser o fio condutor dessa conversa.

Vamo que vamo.



CAMINHOS

perigo correnteza

*na praia, placas vermelhas e pretas
são um alerta de que entrar no mar é perigoso.
na arte, nós somos o mar.*

Venho das histórias em quadrinhos que, junto com os desenhos animados, constituem minhas primeiras - e por muito tempo as únicas - referências de artes visuais. A partir daí, comecei a trabalhar com ilustração digital ainda no ensino médio.

Realizei esses trabalhos por uns 3 anos até meados de 2015. Essa produção se caracterizava por cores e temas marcados principalmente pelo exagero e pela tentativa, através da técnica, de compensar uma falta de verdade no trabalho. Me sentia cada vez mais sozinho nos espaços que esses desenhos me levavam. As discussões que eu abordava por uma espécie de 'mercado' não me atravessavam tanto. Cresci entre Saquarema e São Gonçalo, espaços com muito pouco ou nenhum dispositivo de cultura institucional e minha busca por referências legitimadas e hegemônicas me levaram para lugares muito distantes geográfica e subjetivamente da minha casa.

Isso me deixava num limbo entre a falta de identificação nesses espaços e o distanciamento do meu lugar.

A partir de um momento de desgaste físico e um cansaço emocional por conta dessas distâncias, começo a pensar com quem meu trabalho dialoga.

Minha família não era cativada por meu trabalho.

Se não falava para as pessoas como eu, pra quem eu estava falando?

Nesse momento eu paro e repenso tudo que eu fazia.

Começo então um processo de enxugamento ao máximo de poética e técnica forçadas até deixar o que sentia ser mais essencial: as cores vermelho, preto e branco.

Cores que, além de toda bagagem ancestral, espiritual e simbólica que carregam e me carregam, funcionam juntas como um alerta. Queria que meu trabalho fosse uma placa de atenção, objetiva e de identificação direta.

A partir disso, assumir que a potência estética da vida comum - citando a artista Ana Bia - é enorme e que a partir do momento que a gente aceita que



nossas referências artísticas estão na nossa rua, as compreendemos bem melhor. Tanto como referência, tanto como rua.

Tento, então, me afastar um pouco da virtualidade e dos trabalhos digitais e fico com vontade de materializar a produção, numa busca por um contato mais direto com as referências, com o espaço e com as pessoas.

Isso se reflete nos materiais. Perto da minha casa não existia uma papelaria ou algum lugar em que eu pudesse comprar material de arte. A loja que tinha mais perto era uma de material de construção. E lá eu posso encontrar pincel e algumas poucas cores de tinta, justamente vermelho, preto e branco.

Nesse momento, realizei também algumas pixações no canto da Praia da Vila em Saquarema, lugar que cresci e que precisava demarcar uma posição para mim mesmo de que estava de volta.

Começo, então, a recolher madeira na rua para utilizar como tela. Por questão financeira principalmente, porque era o jeito mais prático de conseguir um grande suporte de pintura, o que acarretava em uma espécie de revitalização do objeto descartado.

Era pintar uma madeira do lixo, mas sem esconder que ela é uma madeira e que foi encontrada no lixo.

E que esse lixo é perto da minha casa.

A ideia era escancarar o processo, mostrar que era isso aí mesmo. Pra isso, fazia gif animados para a internet com o passo-a-passo de cada pintura e a ideia era meio que dizer ó 'catei essa madeira ali, pintei isso aqui assim e é isso'. Não ser uma ideia do artista mistificado que tem lampejos de iluminação, porque isso distancia e retira do lugar. E me retirar do meu lugar era a última coisa que queria.

A poética exagerada da qual me afastei nesse momento, era uma tentativa de afirmação e legitimidade no meu não-lugar. A poética de playboy é diferente e tudo que eu tentava dizer através da linguagem deles precisava de uma espécie de tradução e nesse processo, consequentemente, muitas perdas.

Para eu me voltar em direção ao meu lugar, precisei colocar os pés no chão. E foi aí que comecei a perceber que meus pés sempre estiveram ali. Eu só não prestava atenção porque a gente cresce aprendendo que não é pro nosso chão que temos que olhar. É pro chão deles.

Sim, sim, eu falei à beça agora, mas, basicamente, eu voltei pra casa e pintei o que via na rua.



artista de instagram

o meu perfil

Agora, já produzindo trabalhos com uma materialidade há um certo tempo, volto para o virtual. Mas, volto através de outro caminho, afinal, o espaço mais democrático, barato e o único que eu tinha acesso para expor esses trabalhos era a internet. Crio um perfil no instagram por questão de organização mesmo da produção e tal, colocar tudo ali bonitinho pra poder mostrar pra galera.

Nesse momento, com o amadurecimento da minha produção, me debruço cada vez mais sobre a questão da ressignificação. Relacionando os materiais descartados a corpos e sua posição na sociedade. E começo a pensar sobre 'identidade' e percebo que é uma questão que acompanha meu trabalho há muito tempo.

É aí que começo a pensar no digital como mais uma plataforma de trabalho e não apenas como ferra-

menta de divulgação. Trabalhando agora também com imagens de figuras descartadas na história. Heróis e símbolos populares que foram deixados de lado na História do Brasil.

A internet me possibilitou trabalhar com imagens desses corpos.

Corpos que parecem com o meu.

Os espaços de cultura são longe da minha casa e pelo instagram, por exemplo, eu posso mostrar meu trabalho para meu vizinho e pro meu primo de outra cidade ao mesmo tempo.

Começo a pensar trabalhos que se encaixem na linguagem da internet e que, assim como no começo da produção, teriam que ser trabalhos diretos e objetivos.

Mas, também não é só isso né. Outro motivos que me incentivaram a fazer essa série é simples: precisava movimentar meu perfil no instagram. Na internet é assim, o que não é ativo não é visto. As primeiras intervenções nasceram como exercícios visuais que com o tempo se desenvolveram nesse projeto de restituição visual e simbólica.

A necessidade de manter meu trabalho ativo na internet, me fez buscar uma alternativa. E dessa alternati-

va entendi que poderia explorar uma potência e continuar dizendo o que queria.

É aí que meu trabalho começa a encorpar. Mesmo que esses experimentos virtuais possam ter surgidos por conta de likes, ter compreendido a força disso e entender que fazia total sentido em relação ao que eu queria falar me fez mergulhar de cabeça nessa prática.



Liberdade guiando o povo
intervenção digital sobre foto da década de
1980, 2018



referência

o lugar do entre

Todo esse desenvolvimento artístico acontece junto com um processo de autoconhecimento e de aceitação. Me entender com um homem negro de pele clara de origem caíçara é, talvez, o que faltava no meu trabalho antes de me tornar Mulambö. O racismo estrutural na sociedade brasileira provoca solidão e distanciamento e é essa compreensão ou busca dela como ser humano que me fortalece nessa luta, através do trabalho de firmar uma posição em algum lugar. No meu lugar.

Cresci entre duas cidades, cresci entre universos distintos e não tinha referências para me posicionar em algum lugar.

Até que conheci o lugar do 'entre'.

E conheci também Carla Santana, conheci Isabella Cabeço, conheci Yhuri Cruz, conheci Ana Clara Tito,

conheci Ana Almeida, conheci Jota Mombaça e muitos outros artistas que me ensinam a cada dia.

Quando digo que conheci, é conheci mesmo, pessoalmente.

Referências que me mostraram ser possível.

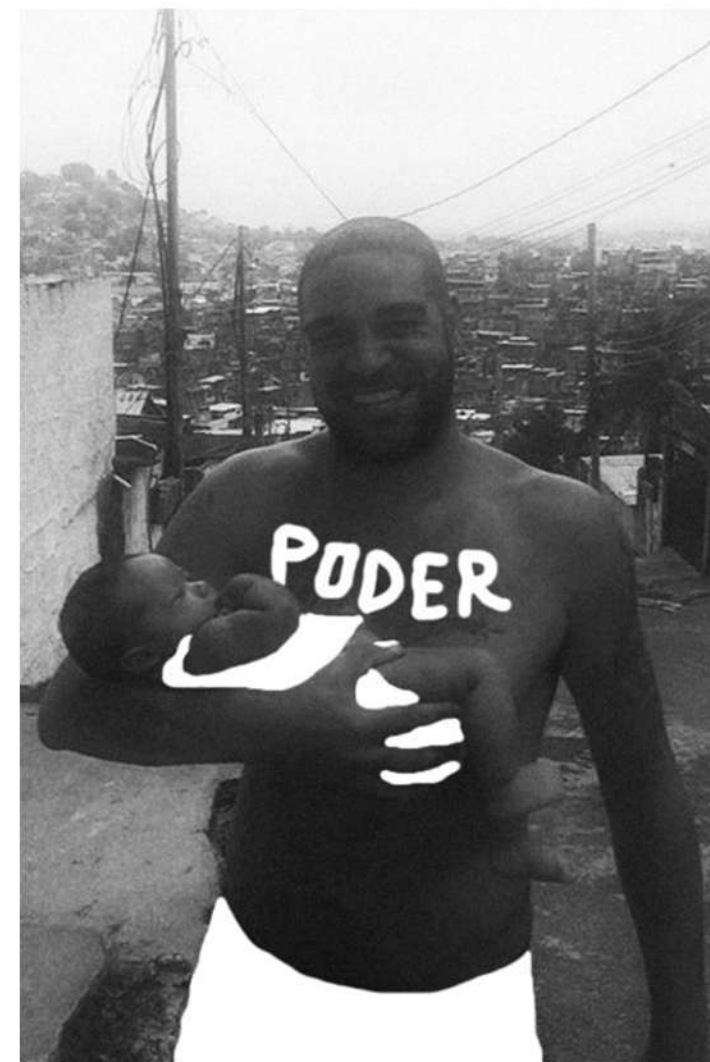
E começo a conhecer espaços e iniciativas de arte descentralizadas, afro-centradas e de origem suburbana.

Eu não conseguia ver meu trabalho em qualquer espaço de arte que eu conhecia, os espaços longe de casas como a minha. Mas agora, começava a entender que isso não era problema meu e sim da estrutura e das instituições.

E é aí que essas referências aparecem e me ajudam a traçar, pelo menos, uma direção, um passo à frente.

Essa direção é em busca de práticas e espaços que dialoguem com, por exemplo, crianças de origem parecida com a minha. Como artista, por exemplo, dar uma oficina numa escola na Zona Norte do Rio talvez seja mais enriquecedor do que dar uma palestra no Parque Lage. Tudo agrega ao meu trabalho, mas quero que meu trabalho sirva pra agregar pra quem precise também.

Assumo então que meu trabalho é sobre referência, sobre me tornar referência, coletar referências, mostrar referências e reverenciar quem merece. O que já estava presente nas intervenções em fotos e quando assumo as referências dos meus lugares.



Potência
intervenção
digital
sobre foto
de Adriano
Imperador,
2019



**Queria um pincel
me deram uma vassoura**
pintura sobre vassoura, 2018
0,30m x 1,40m

joão

meu trabalho somos nós

Através da ideia de referências e tudo mais, penso na minha figura como força. Um corpo periférico sorrindo e criando é inspiração porque crescemos sem saber que é possível. Pouca coisa mostra pra gente que nossos corpos são feitos pra produzir pensamento, sensibilidade e presença, mesmo que a gente produza isso desde sempre.

Me aprofundo então em algo que sempre tentei fazer: a desmistificação da minha figura como artista, a ideia de sempre mostrar o processo - o que já tinha feito com os gifs animados - , os erros, as técnicas e tudo mais.

No começo do meu trabalho, eu não tive referências de artistas negros, suburbanos ou qualquer outro tipo de coisa que dialogasse comigo. Nossas mãos são normalmente relacionadas a trabalhos braçais, subalternos e tudo mais, então eu sempre procurei mostrar

meus braços fazendo os trabalhos. Não no sentido de valorizar o precário, romantizar o processo e blá blá blá, a ideia era justamente o contrário, sabe? Mostrar que para aquele trabalho acontecer, tive que catar madeira na rua, porque não tinha dinheiro pra tela é a mesma coisa que pintar um rosto sem esconder que aquilo é uma madeira surrada. A nossa escassez de referências é tão gritante que só de mostrar o processo e se mostrar, eu já estava fazendo algo que eu, por exemplo, nunca tive acesso.

Reforçando a ideia da internet, mas também o do material da rua, mostrar um desenho que minha afilhada fez nas minhas costas faz parte da minha construção como artista também.

O material encontrado na rua vai desde relações cotidianas até trajetos de ônibus cheio que não necessariamente se torna um trabalho de arte, mas se torna parte do meu existir como artista. Porque é isso né, antes de ser artista eu sou muita coisa.

Sou Mulambö e sou João.

Meu trabalho somos nós, mesmo que eu seja um só.



Fotografia: Wallace Rosa

Enfim, essa volta toda que eu dei foi pra mostrar que essas exposições são fruto de um longo processo.

Vamo partir pra elas agora, então



EXPOSIÇÕES

doideira pura

alô, povao, agora é sério

Quando começo a fazer as pinturas como Mulambö, tinha a intenção de mostrá-las nos meus lugares. O primeiro lugar que vem a minha cabeça é a praia. Colocar as pinturas na areia da Praia da Vila, inicialmente, e depois na Praia de Itaúna – na época do mundial de surfe - ambas em Saquarema.

Essas ideias não aconteceram por conta de problemas de logísticas – também conhecidos como muita madeira pra carregar nas costas. Mas colocar meu trabalho na praia ainda é um desejo, pensar instalações e esculturas para esses espaços.

Continuo então a mostrar meus trabalhos na internet, exclusivamente, e sem perspectiva de expor em algum espaço de galeria ou centro cultural e nem via meu trabalho nesses espaços. Como eu vinha da história em quadrinho e da ilustração digital, sentia minha produção perdida entre mundos.

Aí eu conheço Carla Santana - começamos a trabalhar juntos como monitores de um centro cultural em Niterói – e ela abre meus caminhos. Ela já tinha uma trajetória na arte desde o teatro até o Coletivo Trovoa, do qual é fundadora, então começo a ajudá-la em seus projetos fazendo esquema digital, ajudando em montagem e tudo mais. Nesses processos, Carla sempre me encorajava a tentar mostrar meus trabalhos em outros espaços pra além da internet, mas eu, confesso, não sentia tanta firmeza assim no que fazia.

Até que um dia, Carla que ia participar da 'Encruzilhadas II' no Galpão Bela Maré me fala pra levar um trabalho meu para tentarmos encaixar em algum lugar da exposição.

E é por causa de Carla Santana que exponho meu trabalho – fisicamente – a primeira vez.

E é por causa de Carla Santana que exponho meu trabalho até hoje.

Ah, e foi nessa exposição que conheci por exemplo, Yhuri Cruz, Ana Almeida, Ana Clara Tito e Laís Amaral.

Show, ate aí tudo certo participo de outras exposições coletivas pequenas aqui e ali, até que abre o edital para a ocupação do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica no Rio de Janeiro e escrevo um projeto chamado 'Reservado para Pixador Amador'

Que não passa, obviamente.

Mas, é isso, agora tinha um projeto escrito que só precisaria de alguns – vários – ajustes.

Eis que abre a chamada para ocupação do Centro de Artes da UFF em Niterói. Carla me incentiva demais a mandar meu projeto e começamos a pensar numa ocupação juntos para o espaço. Eu mandaria para a galeria e ela mandaria um projeto – que contaria também com a participação de Thomas Mariano e Matheus Almeida – para o espaço de fotografia, e assim tomaríamos conta de todo o espaço expositivo do Centro de Artes.

Mandamos e passamos juntos.

Doideira pura, agora eu teria uma individual.

Individual essa que seria em abril de 2019, mas devido à situação estrutural do espaço foi adiando, adiando, adiando até setembro.

Nesse período, uma exposição coletiva que participo seria o início de algo muito doido.

O curador Marcelo Campos, me convida pra participar da exposição 'Inundação' que reabriria o Museu do Pontal no Rio de Janeiro após uma enchente que danificou seriamente as suas estruturas.

Marcelo tinha sido curador de algumas das exposições que mais tinha gostado nos últimos anos no RJ, como a *Rio do Samba* no Museu de Arte do Rio e a *Orixás* na Casa França Brasil, e isso me faz encarar as 4h de viagem da minha casa até o Museu do Pontal feliz a beça.

A expo abre, tudo lindo, a vida segue até que no final de julho, Marcelo me liga e faz a seguinte pergunta:

- Fala Mulambo, tudo bem? Nós vamos abrir aqui no Museu de Arte do Rio um novo espaço expositivo e gostaríamos que você o primeiro artista a ocupá-lo, você teria interesse?

Peço até perdão pela expressão, mas,

PORRA MEU DEUS DO CÉU



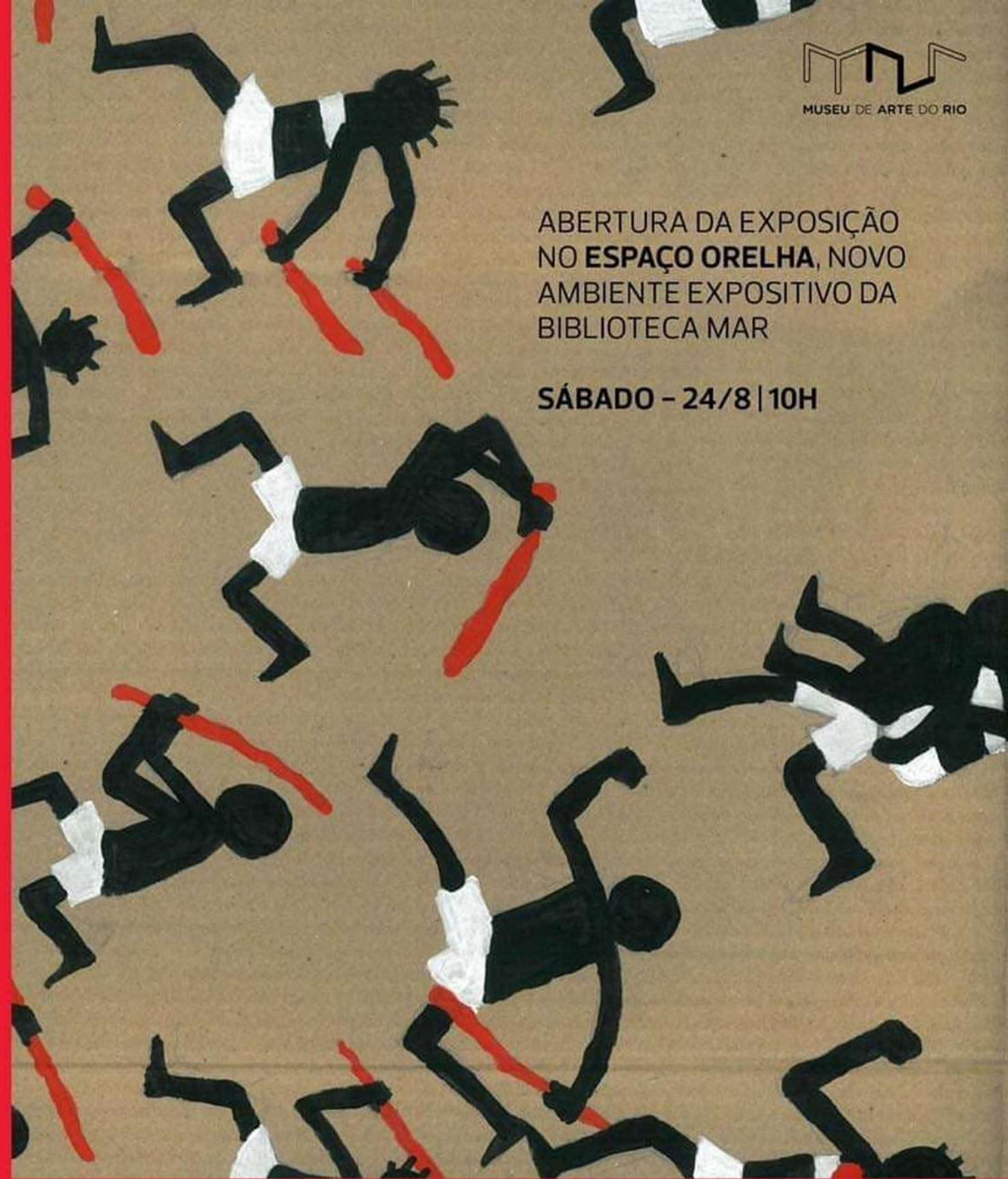
TUDO NOSSO
MUSEU DE ARTE DO RIO
24.08 - 28.12

Curadoria:
Equipe de Curadoria e Pesquisa do MAR

MULAMBÖ TUDO NOSSO

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO
NO **ESPAÇO ORELHA**, NOVO
AMBIENTE EXPOSITIVO DA
BIBLIOTECA MAR

SÁBADO - 24/8 | 10H



tudo nosso

nada deles

Assim começa a Tudo Nosso. A única questão é que a gente teria muito pouco tempo pra produzir essa exposição, então teria que ser o que eu já tinha de produção pronta. Mas suave né, como eu produzia para a internet, eu tinha um monte de pintura na minha casa sem rumo, que tinham até esse momento sido produzidos para virar uma postagem no instagram e uma ou outra que tinha exposto nas exposições coletivas que tinha participado – e que eu ia usar para a exposição do Centro de Artes da UFF em setembro.

A equipe curatorial do museu visitou minha casa, e juntos definimos o que levaríamos para lá.

Faltava só pensar no nome da exposição agora.

A série Armas era minha última produção e ainda nem tinha postado na internet, então chegamos à conclusão de que ela seria o carro-chefe da exposição então seria dela que tiraríamos o nome.

Depois que eles foram embora já com as obras escolhidas e tal – todas praticamente, porque não tinha-tanta coisa assim também – deitei no sofá pra digerir tudo o que aconteceu.

ERA O MAR, EU IA EXPOR NO MAR

E pensando no fato de ser o primeiro a ocupar um espaço que estaria mais atento para a produção atual da arte no Rio de Janeiro, e por saber que eu não estava chegando ali sozinho.

Surgiu 'Tudo Nosso.'

Como eu disse antes, no começo da minha produção eu entendia meu trabalho muito perdido, não me via em lugar nenhum. Até que começar a me entender como parte de uma cena, me entender como parte de uma geração de artistas suburbanos e negros, foi peça fundamental pra eu acreditar no que eu estava fazendo.

Então, essa exposição era pra falar que a gente tava chegando com tudo, porque era tudo nosso.

Durante a montagem da exposição, pude perceber que um episódio que tinha acontecido meses antes na internet e que pra mim tinha sido uma brincadeira, foi fundamental – não para que o convite tivesse acontecido – mas para que as pessoas do museu soubessem meu nome.

O MAR convida artistas para fazer uma bandeira para o Museu que fica no topo do prédio. Numa postagem que eles fizeram no instagram para divulgar a bandeira que tinha sido feita pelo Marcos Chaves, eu fiz o seguinte comentário 'Pô, se quiser me chamar pra fazer uma, tô aí' e pronto, só isso.

Mas, de repente, a galera que acompanhava meu trabalho começou a botar muita fé, e foram mais de 300 comentários na postagem pedindo para o MAR me convidar, pessoas mandando mensagens pro museu e tudo mais.

Lembro que na época fiquei 'mas, gente, cês tão é doido' e passou, nada aconteceu. Isso foi alguns meses antes do convite.

Na montagem, da exposição pude perceber que esse episódio sacudiu o pessoal lá dentro, algumas pessoas queriam apostar num artista jovem que apareceu do nada mas que a galera estava pedindo. Queriam ouvir o que o público pedia. Mas, era muita coisa envolvida e a vida seguiu, deixa isso pra lá.

Mas, acabou que isso era o 'TUDO NOSSO' porque vai chegar o momento que nenhuma instituição vai conseguir fugir da gente, mesmo que algumas vezes as oportunidades vão aparecer por puro interesse mercadológico.

Falando agora da exposição em si, ela apresentava trabalhos de quase todas as minhas fases de produção, da prancha de surfe que pinteí com minha afilhada no comecinho de tudo até a minha produção mais recente que era a série Armas. E coloco no final da montagem, no meio da galeria no chão, uma frase que já me acompanhava há um tempo.

Não tem museu do mundo como a casa da nossa vó

A exposição era sobre isso, sabe? Sobre memória, sobre fortalecer laços e referências, sobre identificação e representatividade. Museus para pessoas com a origem parecida com a minha, são espaços opressores, que falam mais da gente do que pra gente. Com essa oportunidade que tive, queria mostrar isso, falar pro meu rolé olhando no olho. Usando referências que a gente pega porque já estão cravadas na nossa carne, desde a violência até a memória afetiva da nossa avó. E muito dessas referências que colocava em meu trabalho não vinham de forma consciente, vinham porque estavam cravadas na minha carne também.

Gosto de pensar minhas exposições como desfiles, porque sou muito mais próximo das escolas de samba do que dos grandes museus – geográfica e subjetivamente. Um desfile de escola de samba pra mim é o projeto perfeito de um trabalho artístico e abrange todas as formas que gostaria de explorar em algum

assunto.

Nesse primeiro desfile, o enredo de TUDO NOSSO é sobre restituição. É sobre falar pra gente que não apenas nós, mas o que produzimos de memória é importante.

E, pronto, de repente a TUDO NOSSO estava aberta e minha vida mudou.







NO TERN MUSEUM NO A





ABSTRACTO DE MATEO DE LIMA
POR MATEO DE LIMA, 2011
Cópia de uma obra de arte original

MATEO DE LIMA, 2011
Cópia de uma obra de arte original







Mask
Museum of Modern Art



NÃO TEM MUSEU NO MUNDO COMO A CASA DA NOSSA VÓ





Fotografias: Daniela Paioliello

MULAMBÖ

**RESERVADO PARA
PIXADOR AMADOR**

18/09 * 20/10



** TUDO NOSSO **

**RESEVADO PARA
PIXADOR AMADOR
CENTRO DE ARTES UFF
18.09 - 20.10**

**Curadoria:
Mulambö**

reservado para pixador amador

*eu só tinha tempo pra
encher a galeria de soco na cara*

Pois bem, lembrem que eu tinha passado na chamada no começo do ano e tal? A exposição ia abrir no dia 18 de setembro, mas o convite do MAR apareceu e aconteceu que eu levei quase todos os meus trabalhos que tinha pra lá.

A TUDO NOSSO inaugurou no dia 24 de agosto, ou seja, eu tinha 25 dias para fazer uma exposição quase do zero para o Centro de Artes da UFF – que é uma galeria bem grande – porque as exposições ficariam em cartaz ao mesmo tempo.

Consegui, e consegui principalmente por causa da Ana Bia, artista e minha namorada, que me ajudou em todos os processos desde o desenvolvimento dos trabalhos até a montagem.

Nessa correria, eu tive que reestabelecer o enredo da exposição: potências.

Queria falar sobre potências e formas de inibir as potências do Rio de Janeiro, desde a placa de entrada de serviço até a violência policial que nos assombra desde sempre.

Tive que dar uns migués na montagem também para ocupar o espaço, desde imprimir os trabalhos de intervenção em fotos em um tamanho maior do que tinha pensado originalmente, até pensar novos trabalhos durante a montagem.

O título da exposição se manteve o mesmo porque já era sobre uma forma de segurar uma potência, o que eu tive que repensar na expo foram os trabalhos e a narrativa que eu ia apresentar nos trabalhos. 'Reservado para pixador amador' é uma frase muito utilizada no subúrbio, principalmente em São Gonçalo, para evitar pixações nos muros das casas.

Eram trabalhos bem mais violentos, fruto de um processo muito intenso de produção, afinal eu tinha que ir pro meu emprego quase todo dia o dia inteiro, pegava engarrafamento e tinha mais coisa pra fazer antes de ser artista. Essa exposição surgiu como um soco na cara, eu não tinha tempo pra dialogar com os trabalhos, eu só tinha tempo pra encher a galeria de soco na cara.

Nessa exposição, diferente do MAR, eu mesmo fiz a curadoria – o que é parte do meu processo de desen-

volvimento do projeto já. E também não utilizei texto na exposição, não só pelo pouco tempo e muita coisa pra fazer, mas também por querer passar a narrativa que queria apresentar através dos trabalhos que seriam as alas e alegorias do desfile. Já me disseram que o texto seria o samba-enredo para o desfile, mas não entendia assim, já pensei que o samba seriam as cores que uso, que seriam as rimas e os materiais ou até mesmo as memórias que busco trazer com os trabalhos, mas na minha cabeça um texto seria muito mais os comentários da Fátima Bernardes da transmissão da globo do que o samba enredo. Não encontrei meu texto ainda.

Essa exposição, apesar de toda a doideira, foi a celebração que eu e Carla tínhamos pensado originalmente. Queríamos ocupar junto o espaço por ser a primeira vez que artistas negros e jovens, da UFF e que moravam em São Gonçalo ocupariam o espaço como artistas proponentes.

Conseguimos.

Fizemos uma abertura histórica, entupimos o Centro de Artes de gente, da nossa gente, dos nossos amigos e famílias.

Isso que importa né.

Depois ainda batemos recorde de visitação e tudo

mais, mas a instituição foi meio indiferente a isso e não sei até que ponto as dificuldades financeiras e estruturais foram parte disso, mas fé.



Fotografia: Baraúna

ENTRADA
DE
SERVIÇO

MULAMBO



MULAMBO

RESERVADO PARA PIXADOR AMADOR

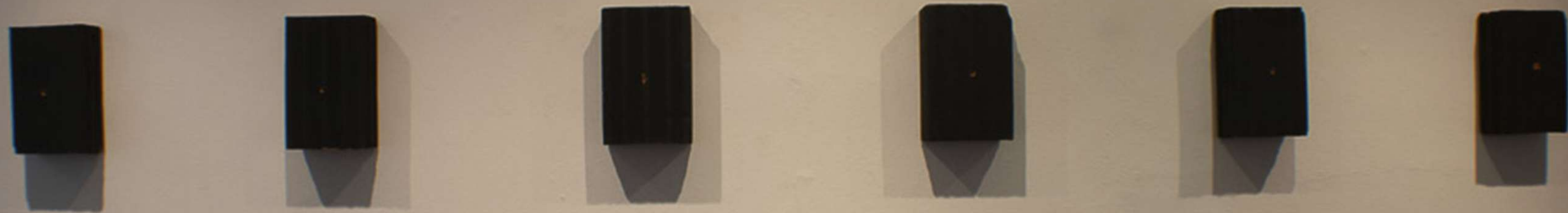




NÃO HÁ NENHUM
QUARTA-DECETO
E SIMO NA PRAIA BARROCA

NO FINAL
ELLES SE MATAM
PORQUE DESCOBREM
QUE SÃO IRRÓDIA
DA MESMA FAMÍLIA







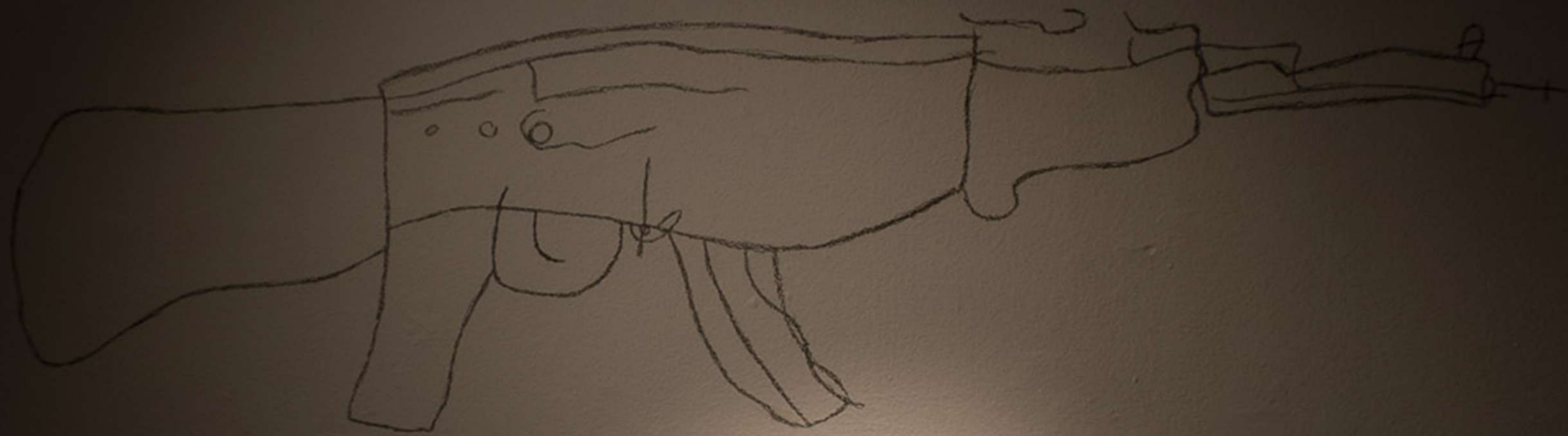
























Fotografias: João Alves

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretária Municipal de Cultural
apresentam

MULAMBÖ

PRATO DE PEDREIRO

UMA EXPOSIÇÃO SOBRE APETITE

07.12.19 - 08.02.20

PRATO DE PEDREIRO
CENTRO MUNICIPAL DE ARTES HÉLIO OITICICA
07.12 - 08.02

Curadoria:
Mulambö

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica
Luis de Camões, 68 - Pç. Tiradentes - RJ
cmaho.cultura@gmail.com / 21 2242 - 1012
www.cmaho.com / @cma.geliooiticica

apoio

Hélio
Oiticica
CENTRO
MUNICIPAL
DE ARTE



prato de pedreiro

se alimentar é construir

Depois que passou o caos da produção da Reserva-do para Pixador Amador, pude adiantar as conversas para um convite que recebi inicialmente na abertura da TUDO NOSSO, pensar num projeto para o Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica.

Isso mesmo, o lugar que mandei meu primeiro projeto e mesmo que não tivesse passado, era um lugar que eu tinha muito carinho. Espaço onde aconteceram exposição muito importantes não só para mim como para o circuito da arte no Rio de Janeiro, a *Noite das Trovoas* e a *Pretofagia* do Yhuri Cruz, e no meu caso específico a expo *Como recuperar sua alma: samba, imagem e identidade nacional* da Clara Tito que foi uma das que vi que me fizeram acreditar mais no que eu fazia.

O convite feito pelo Alexandre Silva, na época curador do espaço, me permitia levar algo pronto pra lá como, por exemplo, a exposição da UFF que já estava terminada na data que eu teria para ocupar o HO ou também poderia pensar um projeto novo.

Pô, fiz uma expo em 25 dias, agora eu teria dois meses, então decidi pensar algo novo. Eu tava como, voando hahahaha

'Prato de Pedreiro' surge inicialmente de uma pira minha com material de construção, mas com o desenrolar do pensamento cheguei também em alimentação, estruturas e sustentação.

Se alimentar é construir.

Penso então em fome, mas fome como desejo, fome como força de vontade, fome como apetite. O enredo da exposição é esse, nossas fomes, o prato de pedreiro como algo que é muita sustância para quem trabalha muito, pra quem tá trabalhando, quem tá construindo.

E nós estamos. Nossos corpos que são normalmente relacionados a trabalhos manuais, trabalhos braçais estão fazendo arte, o que no nosso caso - quem não herdou nada e não tem grana – muitas vezes é trabalho braçal, é desgastante, é produzir na folga do trabalho da vida real, é pensar trabalhos em pé no ônibus e carregando material nas costas.

'Uma exposição sobre apetite', o subtítulo da exposição, era o máximo de texto que utilizaria. Eu mesmo fiz a curadoria novamente e pensei a exposição e a expografia como uma narrativa. Cada trabalho seria uma ala que exploraria a nossa fome.

O percurso que passaria, por exemplo, pela importância da garganta, pelo que estrutura nossa mordida, por nossa resistência, pela nossa vontade, pela importância de respirar e pela força que é não ir com muita sede ao pote em certas ocasiões.

Além disso, pude executar – por necessidade e pela confiança que o espaço teve em mim – uma ideia que tinha há muito tempo: a montagem aberta.

A montagem aberta consistia em uma chamada no instagram para quem quisesse ver como funcionava a montagem de uma exposição. Durante a montagem eu explicaria o porquê de cada trabalho estar em cada lugar, como pensei a expografia, como pensei o trabalho e como amarraria um no outro; também mostraria a parte prática de como prender o trabalho, como montar tudo no seu lugar. A exposição só aconteceu por causa da montagem aberta, colaram em torno de 10 pessoas, que ajudaram à dar vida a exposição, e sem eles e novamente, sem a Ana Bia eu não conseguiria e espero que eu tenha conseguido passar um pouco da minha experiência para elas, afinal tem muita coisa que a gente só aprende na doideira de montagem.

Essa troca faz parte do meu trabalho também; como disse, quero trabalhar sobre referência e, na medida do possível, ser uma referência pra quem precisa. Então essa abertura do processo de montagem faz parte disso também.

MULAMBO

PRATO DE PEDREIRO

UMA EXPOSIÇÃO SOBRE APETITE



1999



1999



























AS DIFICULDADES DE MANTER
OS PÉS NO CHÃO
Chinelo e arame
2019



Fotografias: Rafael Salim



OS FINALMENTES

é isso

é isso que me faz artista

Essa trilogia de exposições sobre presença, potência e vontade representam muito bem o que procurei como artista até hoje.

Pensar sobre nossas referências, falar sobre elas para elas.

Para essas ocupações acontecerem, foi fundamental que eu me aproximasse de outros artistas e de outras linguagens que dialogassem comigo. Antes de ser artista, eu precisava estar bem com meu lugar para falar dele e assim ajudar a mais gente se sentir bem. Esse relato serve muito para isso também. Abrir meu processo, aproximar você que tá lendo de mim e do meu trabalho. Se você tem uma origem parecida com a minha sabe a importância de estar junto para estar bem.

Nossa história é uma sequência de momentos em que precisamos reinventar nossas sociabilidades e recriar nossas relações. Quilombos, escolas de samba e o futebol, por exemplo.

E é isso que eu procuro com meu trabalho, numa escala infinitamente menor, mas ainda relevante. Pelo menos pra mim né hahaha Pra além de repensar laços, é reforçá-los também.

Isso aqui tudo é só pra afirmar que antes de ser artista sou neto, filho, padrinho, irmão, primo, vizinho e tudo mais.

E é isso que me faz artista.

É tudo nosso.



detalhes

doideiras

Pois bem, já vimos sobre cada expo, as fotos dos trabalhos bonitinhos e tal. Agora vou mostrar pra vocês um pouco da parte de verdade.

Eu vou chapar uma porrada de fotos dos processos, produções, montagens, abertura, desmontagem e tudo mais.

São nesses momentos que as minhas exposições e os meu trabalhos acontecem de fato. Nas conversas com o público, na visita da minha vó e até mesmo nas correrias que a gente tem que ter pra conseguir botar a exposição de pé.

Vamo que vamo



Pintando a Olo com Juju, minha afilhada



Seriedade



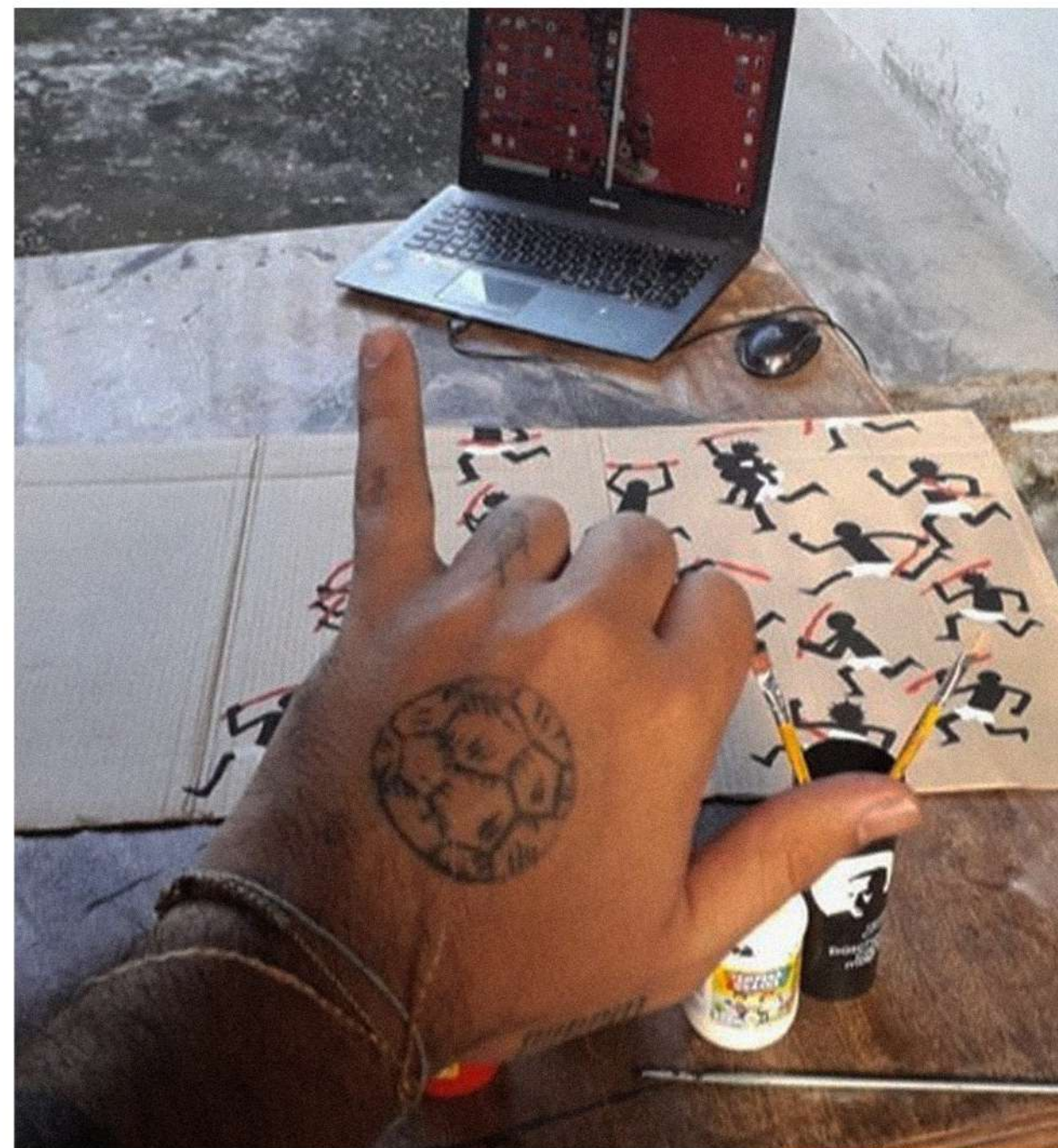
Brincando com a Olo na Praia da Vila



Juju e Lipe carregando a Olo pra casa



Primeiro estudo pra série Armas



Pintando a ' Série Armas: Tudo Nosso'



Buscando as pinturas em Saquarema pra levar pro MAR



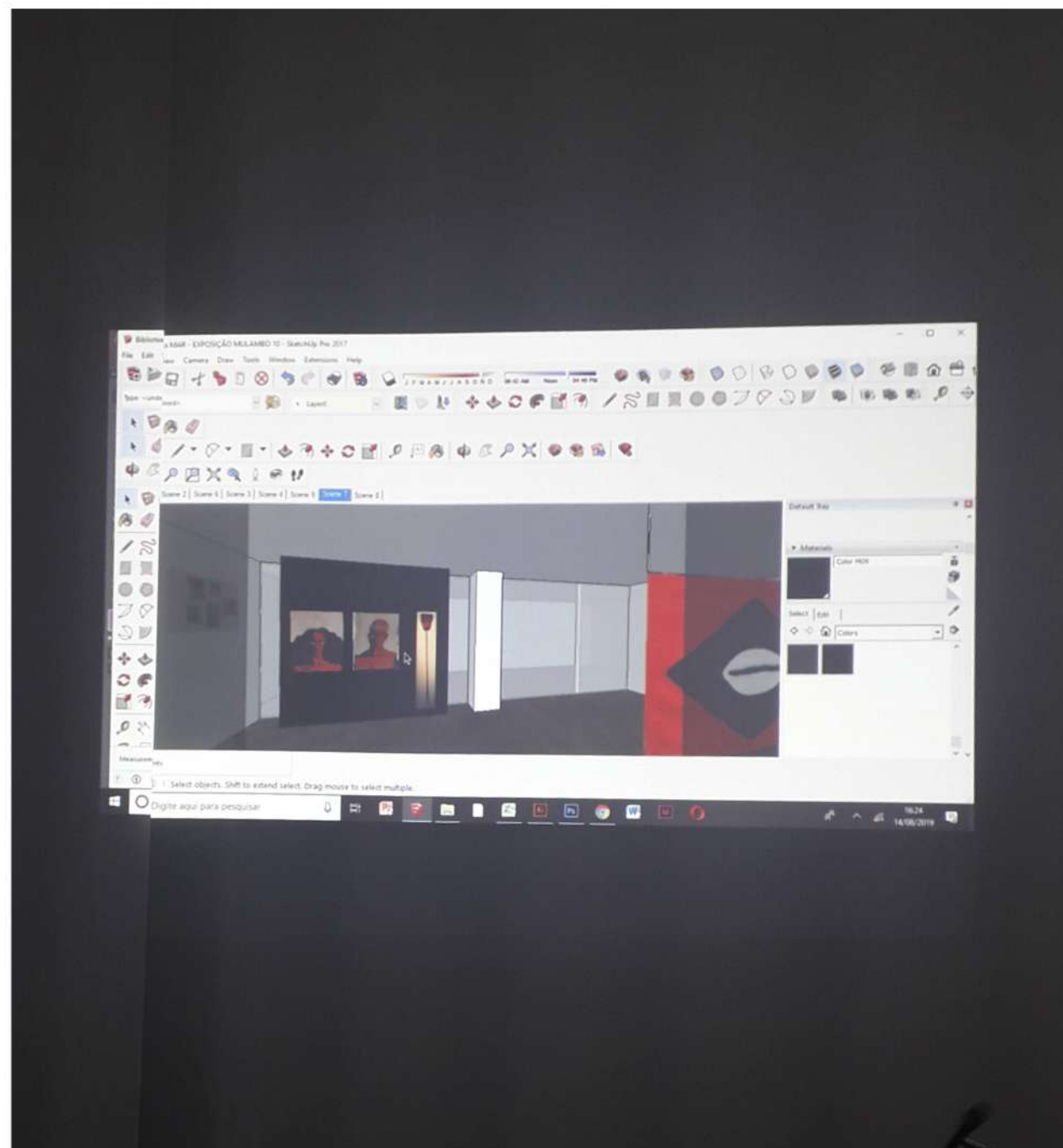
Minha vó Carlota



Primeira versão da Bandeira Mulamba



Depois que eu tentei lavar pra mostrar pro pessoal do MAR



Expografia digital da Tudo Nosso no MAR... chique, né, fala tu



Inácio Meireles na montagem da Tudo Nosso.



Com os educadores do MAR. Cortou uma galera, foi mal



Eu e Ana Bia, sem ela nenhuma exposição tinha acontecido.



Família Motta em peso no MAR. Conexão Saquarema x RJ



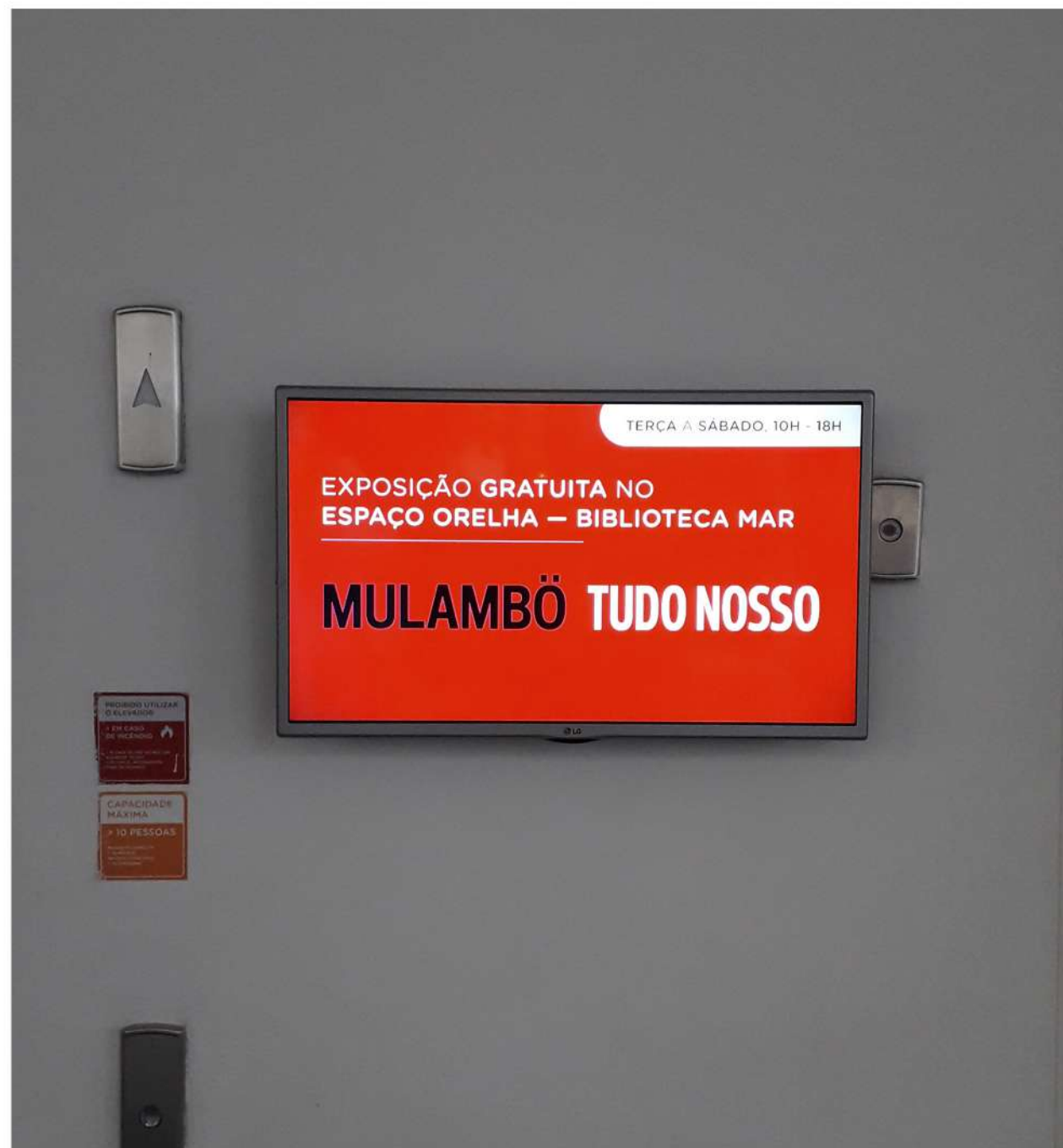
Tetê, minha afilhada na abertura da Tudo Nosso



Visita guiada durante a exposição.



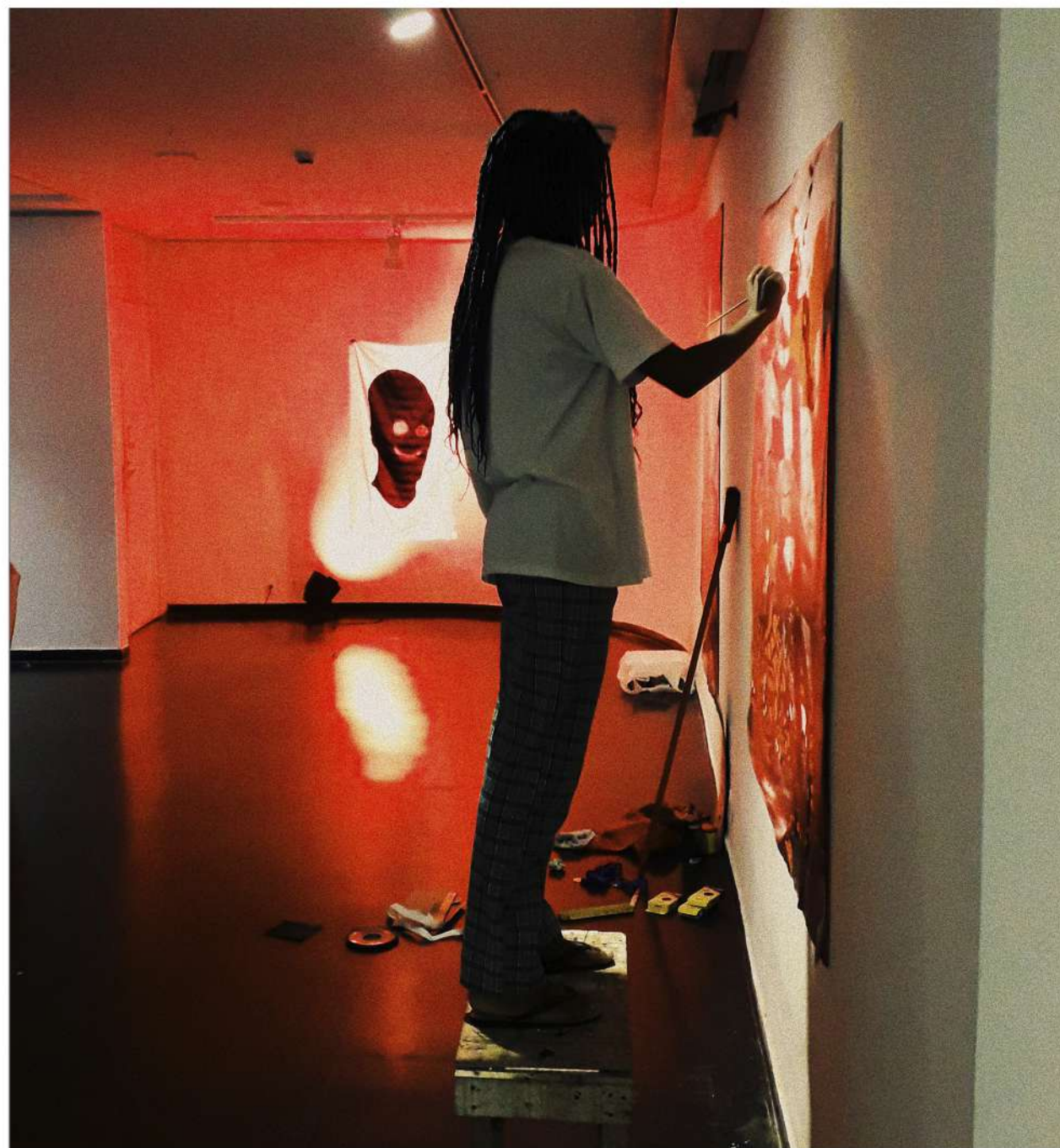
Visita virtual do CJ do GTA



Tirei essa foto porque achei chique o nome na tv



Desmontagem da Tudo Nosso... ai ai...



Carla Santana me ajudando na montagem da Reservado



Colocando a placa de 'Entrada de Serviço'



Mateus Almeida, eu, Carla Santana e Thomas Mariano



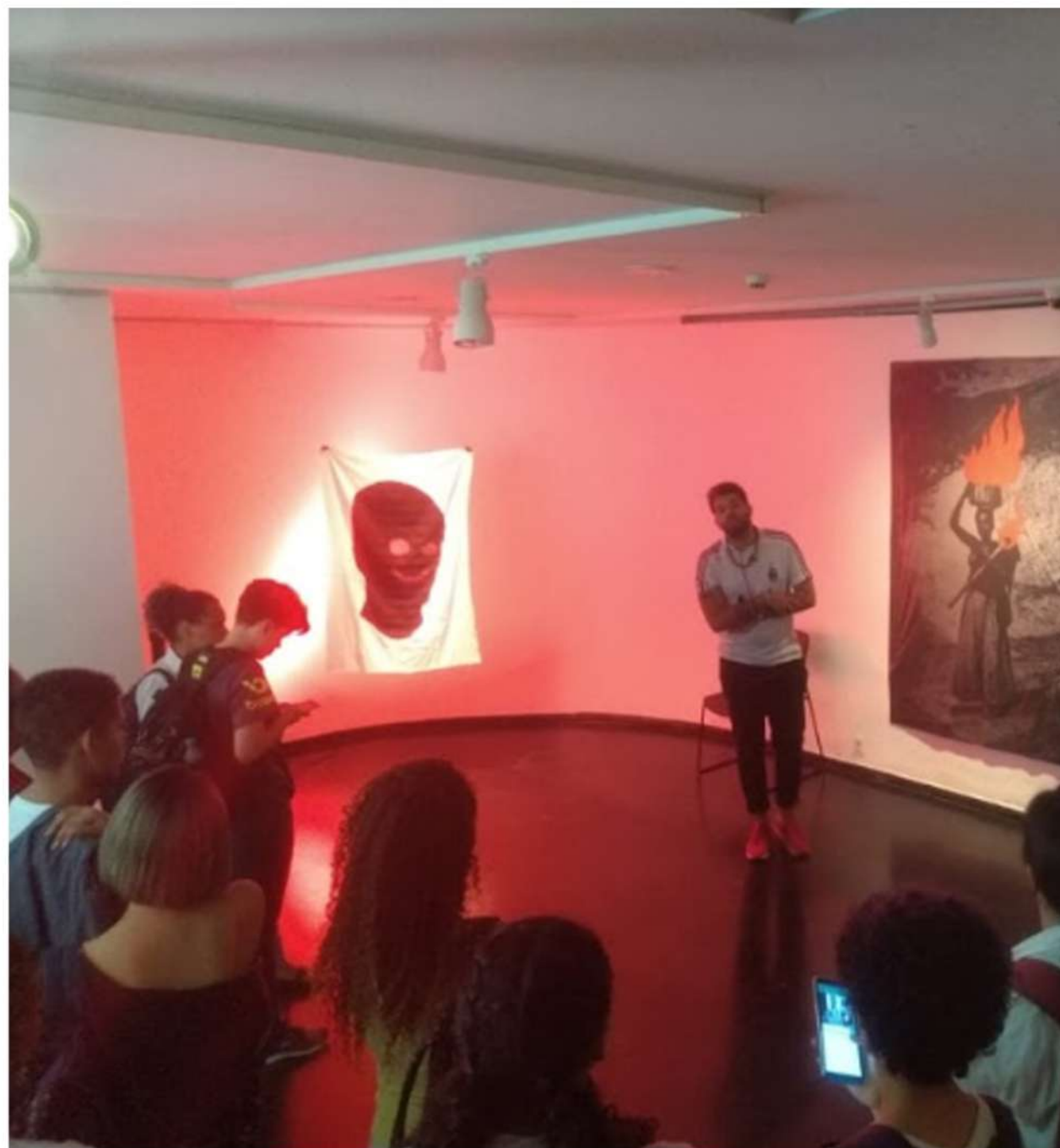
Eu e Carla Santana, porque eu amo ela



Show do Joca na abertura que também teve DJ Ciana



Centro de Artes UFF lotado na abertura. Auge, fala tu



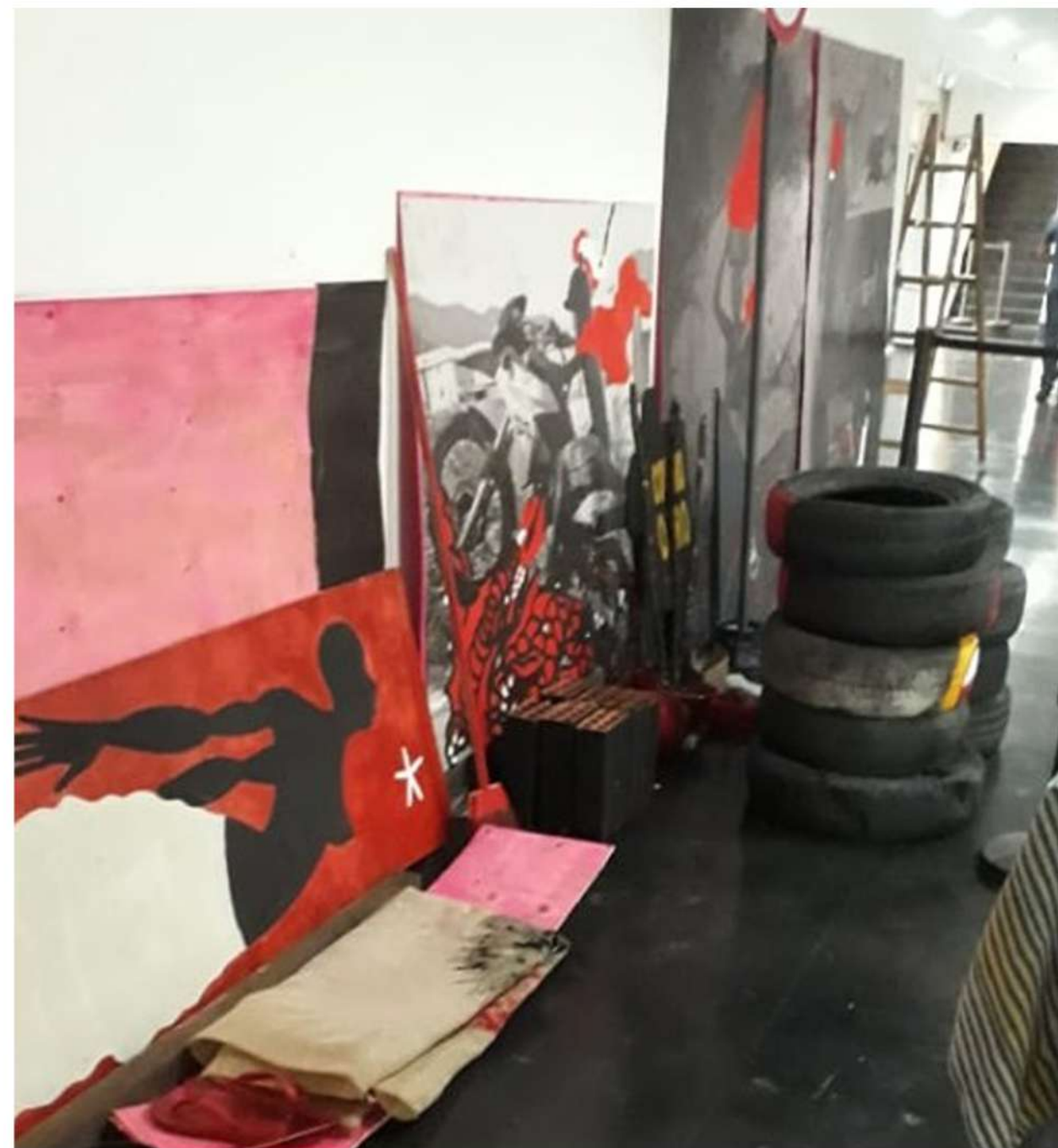
Visita guiada na Reservado para Pixador Amador



Contando mentira numa entrevista na Reservado



Só o pó da rabiola



Desmontagem da Reservado



Pintando a 'Sistema'



Pintando a 'Cara feia pra mim é fome'



Primeiro teste da 'Gengiva'



Bastidores do 'Repiro é uma brasa' feito com Mateus Almeida



Eu de gesso na montagem aberta



Eu depois de arrancar o gesso no dia seguinte



Conversa com artista na Prato de Pedreiro



Gravação de filme da grande diretora Rossandra Leone



Desmontagem da Prato de Pedreiro. Terra a beça pra levar



Meu pai apagando o título na desmontagem

trabalhos

Por ordem de
aparição
_os trabalhos digitais
não têm dimensão fixa

Série Armas

guache sobre
papelão, 2019
_ aqueles papelões
pequenos
dimensões variadas

Seleção

guache sobre
papelão, 2018
_ aquele do time de
futebol
1,50m x 1,20m

Arte preta tipo ex- portação

guache sobre
juta, 2019
_ aquele que tá es-
crito 'PRODUZIR'
1,50m x 1,50m

Minha revolução será de sunga

esmalte sobre
madeira, 2017
_ aquela onda
0,60m x 0,50m

Menor

esmalte sobre
madeira, 2017
_ aquele da touca
ninja
0,60m x 1,00m

Mais uma filha de Ana

guache sobre
papelão e arame far-
pado, 2018
_ aquele da mulher
com a coroa
0,70m x 0,90m

Mais um filho de Maria

guache sobre
papelão e arame far-
pado, 2018
_ aquele do homem
com a coroa
0,70m x 0,90m

Minha chaga não é de Cristo, e de Saci

esmalte sobre
madeira, 2018
_ aqueles do saci
2,10m x 1,00m

Olo

esmalte sobre
prancha de surfe,
2017
_ aquela prancha
6'2''

Via de mão única

esmalte sobre
papelão, 2018
_ aquele que tá escri-
to 'Mão invisível'
1,20m x 0,60m

O meio

esmalte sobre
papelão, 2018
_ aquele que tá escri-
to 'Metade homem
metade deus'
1,40m x 0,70m

Não existe museu no mundo como a casa da nossa vó

adesivo, 2019
_ a frase no chão
2,00m x 0,15m

Bandeira Mulamba

Tecido, 2018

_ aquela bandeira do búzio

1,00m x 0,70m

Entrada de serviço

adesivo, 2019

_ aquela placa amarela

0,42m x 0,29m

Construção civil
spray sobre tijolo,
2019

_ aquele tijolos
pretos

furados

3,00m x 0,19m

Honra ao mérito

corrente e medalha,
2019

_ aquela medalha na
parede

0,30m x 0,30m

**Aperto de mão de
playboy (ou sobre
relações de poder)**

giz de cera sobre
madeira, 2019

_ aqueles 3 do aperto
de mão

1,30m x 0,50m

Força nacional

capacete, terra,
arame e tecido camu-
flado, 2019

_ aquele do capacete
vermelho

0,30m x 1,3m

**São Sebastião do Rio
de Janeiro**

acrílica e spray sobre
pneu, 2019

_ aqueles pneus

0,70m x 1,70m

Entre o alvo e o fogo

acrílica sobre panela,
2019

_ aquela panela com
o mapa

0,35m x 0,35m

**Ao alcance das
crianças**

giz de cera, 2019

_ aquele com as
balas de fuzil vermel-
has

1,80m x 1,00m

**Faço fogo e carrego
a fogueira**

intervenção digital
sobre fotografia de
1861, 2019

_ aquele da mulher
com o fogo na

cabeça

**Na guerra, cupido
vira caçador**

intervenção digital
sobre foto de Victor
Silva de 2007, 2019

_ aquele do policial
com cara de porco

Rajada de Fé

acrílica sobre
tecido, 2019

_ aquela bandeira
escrito fé

1,00m x 0,70m

Siga seu caminho

madeira e placa de
trânsito, 2019

_ aquela da
placa/tridente

2,50m x 0,30m

Salve!

intervenção digital
sobre foto, 2019

_ aquele São Jorge

Felicidade guerreira

spray sobre tecido,
2019

_ aquela touca ninja
sorrindo

0,70m x 1,20m

Leveza

acrílica sobre lambe,
de colagem digital,
2019

_ aquele dos balões
verde e amarelo

Escala 1 x1

Colagem digital,
2019

_ aquele mapa do
Brasil

Harmonia

acrílico sobre madeira,
2018

_ aquela sereia
2,00m x 0,70m

O respiro e uma brasa

fotografia feita com
Mateus Almeida, 2019
_ aquela foto do
carvão

**Só tiro meu ouro pra
comer**

acrílico sobre tecido
e pratos de vidro,
2018
_ aquela bandeira do
dente de ouro
1,00m x 1,00m

Falar de boca cheia

spray sobre
juta, 2019
_ aquele que tá escri-
to 'Falar de boca
cheia'
1,50m x 1,50m

**Aprender a vomitar
mesmo com essa
espada no pescoço**

spray e acrílica sobre
madeira, 2019
_ aquele da espada
2,20m x 1,60m

Prato de Pedreiro

areia, terra e plásti-
co, 2019
_ aquele monte de
terra preta e areia
1,50m x 1,50m

Sistema

acrílico sobre tecido
, 2019
_ aquele da bandeira
no pescoço
2,00m x 1,20m

Gengiva

spray sobre tijolo,
2019
_ aquela boca de ti-
jolos
1,50m x 1,50m

Garganta

acrílico sobre pá,
2019
_ aquela pá de obra
0,40m x 1,20m

Pulso firme

facão e biscuit, 2019
_ aquele facão
mordido
0,10m x 0,80m

Estrutura

guache sobre pa-
pelão, 2019
_ aquelas 3 pinturas
dos chinelos
1,20m x 0,50m

Carniça

acrílico sobre
madeira, 2019
_ aquele do urubu
1,00m x 1,60m

**Cara feia pra mim é
fome**

acrílico sobre tecido,
2019
_ aquela carranca
1,00m x 1,50m

**As dificuldades de
manter os pés no
chão**

arame farpado e
chinelo, 2019
_ aquele chinelo
preto e branco
0,35m x 0,35m

Muito obrigado, valeu demais.

MULAMBÖ



É TUDO NOSSO



**não tem museu no mundo
como a casa da nossa vó**

SAQUAREMA - SÃO GONÇALO
RIO DE JANEIRO
BRASIL
2020